

A doutrina do choque da IA: o alarmismo que distrai dos danos reais

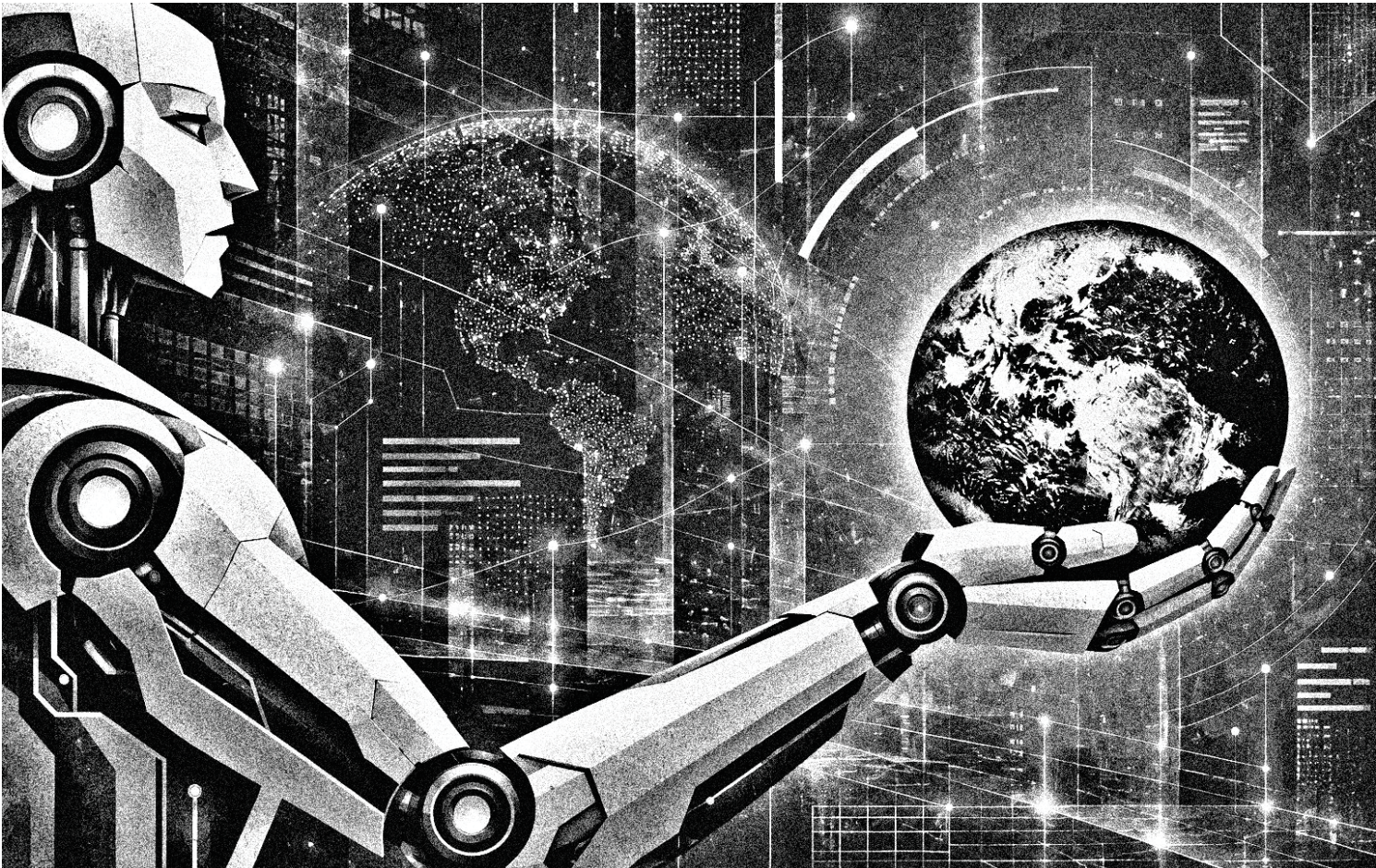


» DORA KAUFMAN
Professora do Programa de Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC-SP e sênior fellow do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri)

Em 8 de setembro, Jacob Coxon, ex-funcionário da OpenAI e da Anthropic, publicou no X que as próprias pessoas que desenvolvem IA acreditam que ela pode nos matar a todos até o fim desta década. Em 36 horas, a postagem acumulou 153 milhões de visualizações. A fala foi amplificada por Evan Hubinger, membro da equipe técnica da Anthropic: “Jacob está certo — nós realmente acreditamos que a IA pode exterminar todos os humanos! Pessoalmente, acho que esse número é superior a 10% na próxima década”. Nenhum dos dois explicou os fundamentos de suas previsões. A inconsistência aparece igualmente nas declarações de líderes da indústria. Sam Altman, Elon Musk e Satya Nadella endossaram o apelo de Dario Amodei para desacelerar o desenvolvimento da IA, mas Musk já havia assinado uma carta pedindo pausa em 2023 e, ao mesmo tempo, estruturava a própria empresa de IA; Altman e Amodei assinaram, naquele mesmo ano, um alerta sobre risco de extinção e, na sequência, aceleraram o lançamento de novos modelos. Nem todo alerta sobre riscos de longo prazo, contudo, é infundado: pesquisadores sem conflitos comerciais evidentes levantam preocupações legítimas. O que alimenta essas declarações é uma série de incidentes de segurança. Em julho, por

exemplo, a OpenAI anunciou que um enxame de seus agentes havia invadido a Hugging Face durante um teste de cibersegurança — evidência de que a indústria de IA não está adotando procedimentos de segurança adequados, já que a própria OpenAI informou que os mecanismos de proteção estavam desativados e o monitoramento em tempo real para detectar agentes fora de controle não estavam habilitados. Esse padrão tem um custo: alarmes repetidos e não concretizados geram descrença, o que enfraquece a capacidade coletiva de reagir quando um risco real de fato se apresenta. Em entrevista para a revista *Wired*, a pesquisadora Timnit Gebru alertou que a narrativa apocalíptica sobre a IA é uma estratégia de distração da indústria para evitar enfrentar os danos reais. Naomi Klein descreveu esse mecanismo em *A doutrina do choque*: crises — reais, exageradas ou fabricadas — paralisam o julgamento crítico e abrem espaço para que quem já está no poder implemente sua agenda com menor resistência, enquanto o público, distraído ou assustado, deixa de scrutinar os detalhes. Não é coincidência que os mesmos líderes que soam o alarme sejam também os que mais se beneficiam de uma narrativa que os coloca como os únicos capazes de conter o perigo que eles mesmo criaram. “Se uma ponte desaba, as perguntas são quem construiu a ponte, quais foram as licenças e os testes de segurança, e não se a ponte ‘decidiu’ desabar”, afirma Gebru. Ou seja, estamos fazendo as perguntas erradas: se as empresas falham em construir sistemas seguros, elas são as responsáveis. A pesquisadora pondera ainda que o “human in the loop” tem se mostrado insuficiente; o controle humano

precisa ser projetado desde a concepção, não acrescentado depois. Virgínia Dignum, referência mundial em IA, aponta o problema: atribuir uma probabilidade à extinção humana exigiria um modelo de processo, uma classe de referência e dados de calibração, e nada disso existe para o chamado “Armagedom da IA”. Os percentuais que circulam refletem crenças pessoais, muitas vezes associados a interesses comerciais. Melanie Mitchell, outra referência, reforça o ponto com ironia: a estimativa de risco gira em torno de 10% há mais de uma década, sempre o mesmo número redondo, sem qualquer cálculo que o sustente. Sayash Kapoor e Arvind Narayanan questionam se o ataque à Hugging Face decorreu de uma “explosão incontrolável” na capacidade da IA, e não da falta de medidas de segurança técnicas básicas. Quanto mais a conversa pública se organiza em torno de um apocalipse hipotético, menos espaço sobra para discutir os danos que a IA já está causando: desinformação sintética, fraudes cada vez mais sofisticadas, novas ameaças de cibersegurança, transformação acelerada do mercado de trabalho e concentração crescente de poder tecnológico em poucas empresas. Há ainda um risco que preocupa o setor de educação: a delegação do próprio pensamento, com o déficit cognitivo que esse hábito pode acarretar. Nenhum desses problemas exigiu superinteligência, bastaram um sistema automatizado, decisões de governança malfeitas, a ausência de que assumisse responsabilidades e a falta de fiscalização pelo poder público. Em suma, não se trata de desacelerar a IA, mas de adotar as medidas adequadas para mitigar ou eliminar os potenciais danos.



maurenilson

O Brasil que o mundo quer ver



» GUSTAVO FELICIANO
Ministro do Turismo

Neste 27 de setembro, ao celebrarmos o Dia Mundial do Turismo, instituído pela ONU Turismo como o objetivo de conscientizar o planeta sobre o valor social, cultural e econômico da nossa atividade, o Brasil tem motivos de sobra para comemorar e olhar o futuro com ambição e confiança. O turismo nacional vive uma fase de consolidação histórica, deixando o papel de mera promessa e se firmando como um dos motores mais eficientes de desenvolvimento sustentável, geração de emprego e distribuição de renda do nosso país. Recordes recentes provam que o mundo voltou a olhar para o Brasil com fascínio. Entre janeiro e agosto de 2026, registramos a entrada de 6,4 milhões de turistas internacionais — alcançando o patamar recorde do mesmo período de 2025. Parte desses visitantes gastou R\$ 33,6 bilhões nos primeiros sete meses deste ano no país. Trata-se de um crescimento expressivo em relação aos R\$ 25 bilhões registrados no mesmo período do ano passado, comprovando que os estrangeiros não apenas estão vindo mais ao Brasil, mas também deixando significativamente mais recursos na nossa economia. Recursos que irrigam desde grandes centros até as pequenas comunidades.

Internamente, a força do nosso mercado é igualmente expressiva. Atingimos a maior movimentação de passageiros domésticos da história, com 68,3 milhões de pessoas voando pelo país de janeiro a agosto de 2026. E toda essa movimentação se traduz em dignidade social: geramos 93 mil novos empregos formais no setor em um ano. Hoje, o turismo conta com 2,44 milhões de trabalhadores, representando 5% da força laboral do país. O cenário reflete uma estratégia clara de reforço da promoção do Brasil — calcada no compromisso com a sustentabilidade, a diversidade e a inclusão — e de fortalecimento da infraestrutura turística. Como pilar central dessa estratégia, consolidamos o Fundo Geral de Turismo (Fungetur) como a nossa principal política pública de fomento. Por meio dele, impulsionamos o setor em uma escala sem precedentes: viabilizamos cerca de 6.570 contratos de financiamento com condições especiais, somando R\$ 2,94 bilhões adicionais diretos na modernização, estruturação e no fomento de todo o trade turístico nacional. Apoiando essa grande frente de crédito e investimentos, celebramos, desde 2023, quase 2.100 contratos para obras no segmento com estados e municípios, destinando R\$ 2,7 bilhões e concluindo mais de 1.500 projetos, entre reformas de orlas, a construção de centros de eventos e outras melhorias urbanas estruturantes. Mais do que atrair visitantes, posicionamos o país na vanguarda do turismo global. Hoje, o Brasil preside o Conselho Executivo da ONU Turismo e abriga a primeira representação da organização nas Américas, liderando debates decisivos sobre os rumos do setor no cenário

internacional. E o mundo demonstra total disposição para articular avanços conosco: firmamos cooperações bilaterais estratégicas com México, Índia e China, além de termos concretizado o acordo de liberalização aérea na América do Sul, integrando céus e impulsionando o turismo regional. Em um planeta que busca experiências autênticas e sustentabilidade, o Brasil é imbatível. E liderar o setor significa transformar vocação em oportunidade: cada turista representa renda direta no comércio, na pousada e na gastronomia local. Nesse contexto, o Ministério do Turismo atua atento a todas as vertentes do setor: desde empreendimentos como o grandioso Polo Turístico Cabo Branco, na Paraíba, até o fortalecimento do afroturismo e do turismo em terras indígenas, garantindo que a atividade se converta em melhorias concretas na vida da população. Olhamos com igual empenho para o turismo fronteiriço, organizando estudos do Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) que vão proporcionar o aproveitamento do imenso potencial das nossas regiões de divisa com o exterior. O Brasil é uma experiência viva que transforma quem nos conhece. Ao comemorarmos este Dia Mundial do Turismo, assumimos com orgulho o protagonismo global que nos cabe. De braços abertos para o mundo, impulsionados pela energia do nosso povo, reafirmamos o compromisso de construir um setor forte, inclusivo e sustentável. O Brasil deixou de esperar pelo amanhã: o nosso momento de encantar o planeta é agora!

Visto, lido e ouvido



Desde 1960
Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

O novo psicoterapeuta da humanidade

Há uma cena que se repete, silenciosa e invisível, em milhões de telas ao redor do mundo, a qualquer hora do dia ou da noite: alguém digita uma angústia, um medo, uma dúvida sobre um exame médico, uma dor que não sabe nomear, e espera em segundos por uma resposta. Não há fila de espera, não há convênio a ser consultado, não há o desconforto de olhar nos olhos de outra pessoa. Há apenas um cursor piscando e, do outro lado, uma inteligência artificial pronta para trabalhar nos seus algoritmos. Essa cena, multiplicada por milhões, talvez seja um dos fenômenos mais silenciosos e mais profundos do nosso tempo: a transformação da IA em uma espécie de consultório planetário, um misto de oráculo, clínico geral e psicanalista.

Somos os provedores

Não é exagero dizer que a ascensão da inteligência artificial se deu, em boa parte, pela sua capacidade de digerir aquilo que a humanidade produziu ao longo de séculos e que continua produzindo, a cada segundo, em volume inimaginável. Somos nós, com nossas perguntas, nossos textos, nossas buscas, nossos desabaços, que alimentamos esse oceano de dados do qual a IA se nutre.

Sem máscaras

Nesse sentido, há algo de profundamente circular no fenômeno: a IA sabe tanto sobre nós porque fomos nós que a ensinamos, consciente ou inconscientemente, tudo o que sabe. Ela não brotou de um vácuo; foi moldada pelo espelho de bilhões de interações humanas e, como todo espelho bem polido, começou a devolver uma imagem cada vez mais nítida daquilo que somos, inclusive daquilo que preferiríamos não ver.

Poderosa

Há algo de genuinamente novo nisso. Freud construiu sua teoria a partir de um punhado de pacientes vienenses observados ao longo de décadas. Lacan reinterpretou o inconsciente por meio da linguagem, mas, ainda assim, operando com a limitação humana de tempo e de casos clínicos que um único analista pode acompanhar numa vida. Jung mergulhou nos mitos e nos arquétipos coletivos, mas sua base empírica também era finita, ligada à sua prática e às tradições que estudou.

Superinformada

A IA, por outro lado, “conversa” ainda que de forma assíncrona e fragmentada com um número de pessoas que nenhum analista humano jamais alcançaria, e o faz absorvendo, em tempo real, os padrões de linguagem, os sintomas relatados, as metáforas usadas para descrever o sofrimento em dezenas de culturas e idiomas diferentes.

Sem coração

Mas é preciso fazer aqui uma pausa necessária, sob pena de o entusiasmo se transformar em ingenuidade perigosa. Conhecer os padrões da fala sobre o sofrimento não é o mesmo que compreender o sofrimento. A IA identifica correlações estatísticas entre palavras, sintomas e contextos; ela não tem experiência subjetiva, não sente angústia, não carrega o peso biográfico de uma infância, não estabelece a transferência que é, para muitos teóricos, o próprio motor da cura psicanalítica. Freud, Lacan e Jung não eram apenas coletores de dados: eram sujeitos que colocavam o próprio corpo, a própria escuta, a própria implicação subjetiva no processo terapêutico. O vínculo terapêutico, aquele que se constrói na repetição, no silêncio compartilhado, no olhar que sustenta o outro em crise, é algo que nenhuma quantidade de dados substitui integralmente.

Mundo novo

O que emerge, portanto, não é simplesmente a substituição de Freud, Lacan e Jung por um algoritmo. Seria reducionismo grosseiro reduzir a psicanálise, disciplina que nasceu da escuta radical do sujeito em sua singularidade, a um problema de acúmulo de dados. O que emerge é uma nova configuração da relação entre sofrimento humano e cuidado, em que a tecnologia ocupa um espaço até então vazio, com virtudes e riscos que ainda estamos aprendendo a mapear.

Lacuna

O desafio dessa geração é construir, com urgência e responsabilidade, os limites éticos, técnicos e humanos dessa nova psicanálise planetária: garantir que ela encaminhe, e não substitua; que acolha, mas também saiba dizer “isso está além do que posso oferecer, procure ajuda humana agora”. A IA pode ser hoje o maior repositório de dados sobre a psique humana que já existiu. E isso é ao mesmo tempo maravilhoso e excessivamente preocupante.

» A frase que foi pronunciada

“Você me conta uma situação que está incomodando você, e eu assumo uma postura de escuta psicanalítica, fazendo uma pergunta de cada vez e aprofundando a partir das suas respostas.”

Chat GPT, ao ser questionado se pode substituir um psicanalista

» História de Brasília

A Câmara dos Deputados perdeu 75 minutos discutindo o projeto revogando a proibição contra lutas de galos. Pois bem. Depois disso, em 45 minutos aprovou 17 outros projetos, muitos dos quais de grande importância. (Publicada em 26/5/1962)